

O CONCEITO DE SENTIDO EM CLODOVIS BOFF E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A ÉTICA CRISTÃ NA ESFERA PÚBLICA

The concept of meaning in Clodovis Boff and its implications
to the Christian ethics in the public sphere

Jefferson Zeferino*

Resumo

Este artigo objetiva a apresentação e análise crítica do conceito de sentido elaborado por Clodovis Boff em sua obra - O livro do sentido: crise e busca de sentido hoje. Pretende-se identificar as teses centrais e implicações éticas do texto, confrontando-as com o problema da ética cristã na esfera pública. Suspeita-se que a falta de um comprometido envolvimento político, ou uma ética que não enxerga sentido na atuação cristã concreta na sociedade, estão ligadas a falta ou empobrecimento do sentido último da vida – o que revela um problema teológico de base. Compreende-se que a atuação cristã política e transformadora na esfera pública só é possível a partir de uma fundamentação consistente de sua identidade e função, o que implica nas perguntas pelo ser, e pelo fazer. Salienta-se aqui o sentido como tema fundante do pensamento e da ética cristã, pois sem sentido não se sabe nem porque nem para onde ir.

Palavras-chave: Clodovis Boff. Sentido da vida. Ética pública.

Abstract

This article intends to present and critically analyze the concept of the meaning of life developed by Clodovis Boff in his work - The book of the meaning: crisis and seek of meaning today. This work shall identify the central thesis and ethical implications of the text, confronting them against the problem of Christian ethics in the public area. There is a suspicion that the political commitment lack, or that an ethics which does not recognize meaning in solid Christian actions in society are connected to the lack of a last life meaning, or poor life meaning – what reveals a theological problem. Christian political actions in the public sphere are only possible if there is a consistent foundation of its identity and function, what implies in the questions of being and doing. The meaning of life is the foundation of Christian ethics and thought, because without direction there is no knowledge about why and where to go.

Keywords: Clodovis Boff. Meaning of life. Public ethics.

* O autor é estudante de Mestrado, sob orientação de Clodovis Boff, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR; e bolsista Capes.

Considerações Iniciais

O ano corrente, 2014, é ano de eleições e mais uma vez os debates se concentram em torno das condutas retroativas e prospectivas dos candidatos às vagas no legislativo e no executivo. Contudo, a chamada classe política parece estanque no poder ao mesmo tempo em que a mídia se alimenta dos escândalos dos mesmos sem se esforçar realmente na transformação do cenário, uma vez que reportar os desvios morais dos representantes democráticos do país não é o mesmo que laborar para uma verdadeira conscientização da população a respeito da ética e da política.

De modo geral, as instituições políticas carecem de prestígio ao mesmo tempo em que boa parte da população nem sequer deseja envolver-se com a vida pública. Contudo, este quadro desfavorável e desanimador a respeito da relação do brasileiro com as demandas da sociedade também é visto nas comunidades cristãs, que, grosso modo, não representam nenhuma diferença qualitativa no envolvimento político do que os demais cidadãos da comunidade civil.

Nesta pesquisa, a suspeita é que esta falta de um comprometido envolvimento ético e político do cristão na esfera pública estejam relacionados intimamente com o empobrecimento de sua fundamentação ética – em outras palavras, com a falta de um sentido último da vida que leve o ser humano a ser para além de si mesmo, agindo empática e eticamente. Disso resulta a desconfiança que os cristãos, que teoricamente respondem a pergunta do sentido da vida com Deus, na prática, não são sensibilizados pela radicalidade de seu pressuposto ético.

Com o intuito de angariar recursos para o enriquecimento deste debate, este trabalho se debruçará sobre a obra de Clodovis Boff – *O livro do sentido: crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica)*, mais especificamente nas páginas em que o autor desenvolve semântica e existencialmente o significado do termo sentido. Na análise do sentido de sentido que se pretende encontrar recursos para aprofundar a discussão sobre a falta de sentido da vida como causador da falta de comprometimento ético e político do cristão na sociedade. As teses centrais do texto serão identificadas e confrontadas com a problemática apresentada com a intenção de refletir mais profundamente sobre a fundamentação ética da pobreza política cristã, além de buscar impulsos para a conduta dos cristãos na esfera pública.

O sentido de sentido

Com a finalidade de analisar o problema da falta de comprometimento do cristão na vida pública, tendo como pressuposto a ideia da falta de sentido vista neste envolvimento pelo cristão, se pretende trabalhar o conceito de sentido desenvolvido por Clodovis Boff. Esta parte da pesquisa, portanto, intenciona apresentar o pensamento do autor.

Para Clodovis, a pergunta pelo sentido da vida é uma questão existencial¹. E no primeiro capítulo de sua obra ele se ocupa com “uma reflexão semântico-filosófica, necessária para a clareza do debate subsequente”. Pois, para ele, “por falta de precisar o que está em jogo na palavra ‘sentido’, o debate vê-se privado de foco, levando a especulações fora de propósito” o que impede “o encaminhamento correto das saídas possíveis”².

Para ele, ao perguntar pelo sentido da vida é necessário clarificar semanticamente o que é *sentido*, para que assim se ponha e se compreenda bem a pergunta, do contrário não se pode solucioná-la. Em via das confusões circundantes ao tema, o autor reconhece a necessidade e a importância deste trabalho conceitual. Sobre o sentido da vida, o autor propõe uma análise pormenorizada na busca do sentido do termo *sentido*³.

Clodovis inicia sua abordagem tratando do tema do sentido enquanto finalidade. Pois, para ele, ao se falar de sentido da vida se fala de seu fim enquanto finalidade⁴. Ao falar sentido ou fim da vida, também se tem em mente o pensamento de um fim último, ou um bem supremo. Ora, o sentido está em sua finalidade, em seu fim, “*aquilo por causa do quê*”, afirma Clodovis recorrendo a Aristóteles⁵. Daí também a relação entre o bem, o fim e o ser. Esta teleologia possui inúmeras implicações éticas e metafísicas, que em Aristóteles culmina na teologia, na ideia de Deus como fim supremo, o qual serve de modelo para o homem inteligente. A ideia de Aristóteles, portanto, é a de que o mundo é ordenado, que o fim das coisas está relacionado ao bem enquanto finalidade, relação também observada pelos estoicos, e que sobre tudo está Deus, o que para Clodovis é essencial, uma vez que tirado Deus da equação lega-se ao mundo caracteres apenas penúltimos, e se abrem as perspectivas niilistas. Também as religiões se ocuparam com o problema da finalidade das coisas, ou para

¹ BOFF, Clodovis. *O livro do sentido: crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica)*. Volume 1. São Paulo: Paulus, 2014, p. 7.

² BOFF, 2014, p. 8-9.

³ BOFF, 2014, p. 11-12.

⁴ BOFF, 2014, p. 13.

⁵ BOFF, 2014, p. 14.

que fim foram as coisas criadas. Este “*para quê*” das religiões em última análise é a pergunta pelo sentido das coisas, que é a pergunta pela finalidade da vida⁶.

Num segundo momento o autor trata o termo sentido enquanto valor. Para ele, finalidade e sentido também podem ser entendidos como valor. Pois, por de trás do problema da crise de valores o que está relacionado com o problema da ética, encontra-se o problema do sentido/valor da vida, isto porque o próprio sentido da moral precisa se ancorar em algo maior para não ser um fim em si mesmo. Enfim, para o autor, o valor também está relacionado com o conceito de bem. Daí que se pode tratar das equivalências entre valor, fim e bem. Assim, dizer que a vida tem valor, é dizer que ela é boa e que tem sentido, sendo boa por ter uma finalidade, um sentido, o qual precisa estar ligado a metafísica⁷.

Assim, para Clodovis, se a vida tem valor, o bem se torna qualidade transversal a todos os seres, sendo o valor um bem ontológico que não pode ser delegado a alguém, pois este já o é em si. Deus, que é ontologicamente o ser mais denso, não possui sentido, mas é, ele próprio, “valor valorante” e o “sentido dos sentidos”. Também um grão de areia possui valor, mas por sua pouca densidade ontológica possui menos valor. Enquanto que o *nada* caracteriza o não ser e o *mal* o “antisser” – aquele que nega o ser. Desta forma, o empobrecimento do conceito de ser, ou a desvalorização do conceito de ser tem a ver com o empobrecimento da fundamentação do ser. Daí que a sociedade consumista consiste em crítica pobreza ontológica, pois fundamenta-se no materialismo⁸.

Em seguida, o autor trabalha a articulação entre sentido e valor questionando acerca da fundamentação dos mesmos. Para ele, valor e sentido são sinônimos, e uma hierarquia entre eles seria fruto de uma má leitura semântica dos termos, pois o valor restringido ao campo da moral, necessitaria ser fundado pelo sentido, contudo, o valor do valor não deve ser dado, mas reconhecido enquanto bem. Contudo, ao se falar de valores, é possível tratar também em perspectiva ética, neste sentido havendo uma hierarquia que também culminará no reconhecimento do bem/valor último ou o valor que dá valor⁹.

O sentido enquanto direção também é abordado por Clodovis. Segundo ele, é intrínseco ao conceito de sentido – o estar voltado para, ter um sentido é ter uma direção

⁶ BOFF, 2014, p. 15-17.

⁷ BOFF, 2014, p. 17-20.

⁸ BOFF, 2014, p. 20-21.

⁹ BOFF, 2014, p. 21-23.

para alguma outra realidade. Quanto ao sentido da vida se reforça a ideia dela ter seu sentido para fora de si mesma. O sentido ético e espiritual da vida é dado através do reconhecimento de sua finalidade, seu fim, que novamente dá direção a vida. Por isso que sentido enquanto direção e finalidade dependem do “valor valorante”¹⁰.

O desenvolvimento teórico de Clodovis introduz a máxima de que o fim é sentido enquanto causa, ou seja, ele é sentido pois confere sentido. O fim determina a direção. E por mais que semanticamente sentido tem a ver antes com direção do que com fim, existencialmente pode se dizer que sentido enquanto fim precede sua noção enquanto direção, uma vez que um causa o outro¹¹.

Assim, ao se falar de direção e fim, também se pode falar de caminho e destino. Na fé cristã este caminho ocorre em Cristo na direção do Pai, sendo que é o destino que revela o caminho. Daí que o desorientado ou desnorteado é aquele desprovido de um fim¹².

Após conceituar o termo sentido o autor trabalha as consequências, ou efeitos de se assumir o termo sentido enquanto fim/finalidade. Para ele, o fim enquanto direcionador da existência dá sentido as questões éticas e espirituais¹³ as quais ele classifica em quatro pontos. Primeiro, razão-do-ser ou inteligibilidade – é a finalidade que clarifica a existência, por isso que a razão de ser do ser é dada pela finalidade apreendida do ser – o fim apropriado enquanto conhecimento é razão. Assim, uma vida sem finalidade/fim é uma vida sem razão, do que resulta a compreensão da existência como absurdo sem sentido¹⁴. Segundo, motivação e esperança – motivação é o sentido enquanto vontade. O fim, portanto, é o que dá movimento à vida – motivação. Intenção e propósito são palavras que tem seu lugar sob a dimensão de uma causa fundante. Para o autor, falar de um fim pelo qual as coisas se dão é dizer que há um amor causal – um porquê agir, há um preenchimento atitudinal do ser. Junto a motivação toma lugar a esperança enquanto fim alcançável, uma vez que a motivação existe quando há esperança de se chegar a determinado fim. Fim e esperança se assemelham metonimicamente, sendo feitos sinônimos. A esperança enquanto fim, num contexto cristão, é sempre a esperança de Deus, seja de sua intervenção ou nele

¹⁰ BOFF, 2014, p. 23-25.

¹¹ BOFF, 2014, p. 25-26.

¹² BOFF, 2014, p. 26-27.

¹³ BOFF, 2014, p. 28.

¹⁴ BOFF, 2014, p. 28-30.

enquanto consolo último da existência¹⁵. Terceiro, harmonia ou centralidade – o sentido é o alvo para o qual se movem as ações humanas, fazendo surgir o conceito de ordem, harmonia e centralidade, sendo que o conceito de centro também pode ser visto como metáfora para sentido – o centro é o alvo para o qual as coisas se movem, é fim e direção. A unidade da multiplicidade está na existência de um centro comum, doutra feita não haveria convergência nem harmonia, a ideia de um fim fora do centro assemelha-se com o conceito de pecado enquanto erro do alvo. Assim, se pode tranquilamente trabalhar o termo centro no sentido de fim. Desta forma, Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, o centro e o fim da história, recorda o autor¹⁶. Quarto, alegria e encantamento – enquanto rechaço a desesperança a ideia de fim traz consigo a alegria da esperança. Quando há uma finalidade na vida é possível conferir a ela encantamento, uma intensidade existencial, densidade ontológica. Uma vida com sentido, é vida munida de graça, beleza, canto/vibração, cor, sabor e sacralidade¹⁷.

Desta sua análise “semântico-existencial”, como ele mesmo declara, o autor conclui brilhantemente sua abordagem da seguinte forma:

“Sentido” é fundamentalmente “fim”. “Fim” é sempre um “valor” ou um “bem” que o ser humano e as coisas em geral buscam. Portanto, falar em “sentido da vida” é falar na “finalidade da vida” ou no “valor da vida”, real ou potencial que seja. Ademais, o fim é uma potência extremamente ativa. É uma causa: a “causa final”. Tal causa tem o primado sobre todas as outras. É ela que confere à vida: direção ética e espiritual, razão de ser ou inteligibilidade, motivação ou estímulo para viver, esperança de chegar à própria realização, centralidade e harmonia de viver e, ainda, alegria de estar no caminho certo e encantamento ou graça em tudo o que se vive e se faz¹⁸.

Em formato de apêndice o autor trabalha outras questões acerca do conceito de sentido¹⁹. Para o autor há mais formas de se questionar o problema do sentido, pois, para ele antes de qualquer questão posta pela vida há uma questão de fundo, algo maior. O problema do sentido da vida é pergunta de menos de duzentos anos, antes porém, ela era colocada em outros moldes, sendo que para Agostinho e Aquino esta questão pode ser lida

¹⁵ BOFF, 2014, p. 31-32.

¹⁶ BOFF, 2014, p. 32-34.

¹⁷ BOFF, 2014, p. 34-35.

¹⁸ BOFF, 2014, p. 35.

¹⁹ BOFF, 2014, p. 53.

sob o prisma da felicidade, vista como fim último do ser humano, que para ambos consiste na relação com Deus²⁰.

Segundo Clodovis, a questão do sentido enquanto função pode ocorrer em certos momentos dado ao sentido/função de determinadas coisas, como o carro que possui seu sentido no serviço de transportar pessoas. Ou seja, função pode ser vista mais como serviço, porém, trata-la como metáfora para sentido tem suas limitações visíveis devido a sua veiculação com o mecanicismo e o funcionalismo²¹.

Já ao conceito de sentido enquanto verdade, o autor reflete que verdade é sinônimo de fim, enquanto causalidade e conteúdo. Assim, a pergunta pela verdade também é a pergunta pelo sentido da vida. Desta forma, apenas a verdade verdadeira é capaz de preencher a vida verdadeiramente e dar-lhe sentido²².

Ainda sobre a ideia de sentido como essência Clodovis coloca que conceitualmente é possível traçar uma relação entre sentido e essência, partindo da ideia da essência do ser, porém este ser/essência em si mesmo é precário, pois o sentido último da vida precisa estar fora do ser humano²³.

Por fim, o autor fala sobre a invisibilidade e perceptibilidade do sentido. Para ele, o sentido último da vida possui caráter metafísico e metahistórico, perceptível pelo pensamento/sabedoria. O sentido não é visível mas está no interior das coisas. A falta de Sentido maiúsculo consiste no empobrecimento do olhar metafísico do homem. Segundo Clodovis, é necessário ver que na fé cristã o Sentido se fez carne, fazendo-se visível, sendo caminho, direção, fim/finalidade²⁴.

No capítulo conclusivo de seu livro, Clodovis trabalha propostas atuais de sentido, entre elas pontua a questão da ética, que também é foco desta investigação. Para ele, a ética enquanto vetor de sentido consiste basicamente em dois pontos atualmente, os direitos humanos e o neoestoicismo²⁵.

Sobre o primeiro ponto ele destaca que ideais humanitários tem a capacidade de prover sentido enquanto finalidade da vida. Que pode ser chamado de amor ao próximo, uma vez que vidas voltadas a paz, a luta contra a pobreza e contra as injustiças são vistas

²⁰ BOFF, 2014, p. 53-54.

²¹ BOFF, 2014, p. 55-57.

²² BOFF, 2014, p. 57-58.

²³ BOFF, 2014, p. 58-59.

²⁴ BOFF, 2014, p. 59-62.

²⁵ BOFF, 2014, p. 539-540.

como vidas dotadas de sentido. Porém, apesar de ter a vida ocupada de sentido tanto os que lutam pelas causas humanas quanto os destinatários desta luta possuem uma vontade interior ainda maior, o ser humano humanizado, em condições e com recursos para se desenvolver humanamente não encontra a plenitude da vida na ética, pois a vida é mais que social, consiste também em sua esfera espiritual, na qual o homem se abre ao infinito. Não somente da ética, mas da espiritualidade veio a força de muitas pessoas que lutaram pelos seres humanos no século XX, sendo muitos deles martirizados²⁶. Sobre o segundo ponto, ele ressalta que a ética laica de ateus e agnósticos honestos existe e merece crédito sob os exemplos de personalidades como Freud, Bobbio e Niemeyer. Sempre há aqueles que se comovem com os injustiçados e se movem eticamente em sua direção. Mesmo sem um fim último, para os laicistas, a vida continua tendo valor se vivida moralmente de forma digna. Conviver com o vazio da existência é parte da vida do herói estoico. Assim, o homem moderno maduro é aquele que vive dignamente uma vida absurda, tornando-se grande mesmo cômico que sucumbirá. Para Clodovis, esta ética laicista pode enfrentar o absurdo mas jamais superá-lo, pois nenhuma ética supera a morte se desassociada da espiritualidade. Sem uma causa causadora, o ser humano realmente pode tomar para si o sentido da vida, o centro – mas isto é pouco, pois tem que se render desarmado diante da morte, quando a vida é absurdo, não tem sentido não há emancipação nem vitória²⁷.

Por fim, Clodovis enfatiza a importância do agir ético calcado em sua fundamentação ontológica antes de sua elaboração teórica. Para ele, todo agir moral se fundamenta em um absoluto/bem. Aqui se percebe que o ser está antes mesmo do agir. E ao se falar de um bem absoluto na fundamentação da ética se fala de Deus, o qual é capaz de nutrir espiritualmente o agir ético do ser humano. Para o autor, este agir moral, sem suporte divino, cansa e causa incoerências. A ética atea corre o risco da incoerência e da arrogância, pois a humildade consiste em uma virtude religiosa, pois as virtudes do incrédulo são legadas a si mesmo e não a outro que intervém na realidade como o crê o fiel²⁸.

Ao concluir suas considerações acerca da ética enquanto vetor de sentido ele observa que:

Ao termo do exame das propostas éticas, oferecidas hoje à questão do sentido, fica mais clara a tese fundamental, subtendida a toda a nossa reflexão: sem o

²⁶ BOFF, 2014, p. 540-543.

²⁷ BOFF, 2014, p. 543-548.

²⁸ BOFF, 2014, p. 548-551.

Transcendente, a ética rateia e o sentido não se ultima. Sem a bússola de Deus, o homem não só perde com facilidade o norte moral, mas fica à deriva no oceano da existência²⁹.

Assim, fica bastante clara no desenvolvimento teológico de Boff, sua intenção de centrar o conceito de sentido em sua esfera existencial, a qual só é capaz de ser Sentido maiúsculo se colocada sob a dimensão espiritual. Deus é o fundamento do sentido, sendo ele mesmo sentido que confere sentido a todas as coisas. Desta maneira, se pode compreender Deus como o fundamento da ética, pois sendo o fundamento do ser também se faz o fundamento do agir do ser.

Teses centrais acerca do conceito de sentido em Clodovis Boff

Com o intuito de receber as contribuições de Boff para o debate da ética na esfera pública se faz necessária uma releitura de seu texto buscando as teses centrais de sua abordagem. Desta forma, a apropriação do conteúdo se torna mais factível e didática.

1. A pergunta pelo sentido da vida é uma questão existencial.
2. A falta de compreensão do sentido de sentido leva a problemas de compreensão.
3. Sentido é finalidade, pois o sentido está na finalidade de algo.
4. Sentido enquanto finalidade tem a ver com um fim último ou bem supremo.
5. Sentido enquanto fim têm implicações éticas e metafísicas.
6. Deus é o fim último e o bem supremo.
7. Sem Deus nada pode ter caráter último.
8. Finalidade e sentido também podem ser entendidos na ideia de valor.
9. Se a vida tem valor e é boa o bem é qualidade relativa a todos os seres.
10. Deus não possui sentido mas é o Sentido maiúsculo que dá valor e finalidade a todas as coisas.
11. O materialismo e o consumismo configuram formas paupérrimas de valoração dos seres.

²⁹ BOFF, 2014, p. 551.

12. Ao se falar de valores é possível se falar de ética e perguntar pelo bem que dê sentido e fundamente toda a questão.
13. Sentido enquanto direção e finalidade dependem do Valor que a tudo valora.
14. Fim é sentido enquanto causa, é aquilo que confere sentido.
15. Direção e fim são outras palavras pra caminho e destino – termos que na fé cristã convergem para Jesus Cristo.
16. O desorientado/desnorteado é aquele que não possui um fim.
17. Fim enquanto direcionador da existência dá sentido as questões éticas e espirituais.
18. A razão de ser do ser é dada pela finalidade apreendida³⁰ do ser.
19. Uma vida sem finalidade/fim é uma vida sem razão.
20. O fim é o que dá movimento à vida. Assim, motivação é sentido enquanto vontade.
21. Falar de um fim pelo qual as coisas se dão é dizer que há um amor causal – um porquê agir, há um preenchimento atitudinal do ser.
22. A esperança enquanto fim, num contexto cristão, é sempre a esperança de Deus, seja de sua intervenção ou nele enquanto consolo último da existência.
23. Centro é sentido quando representa o alvo de convergência das coisas.
24. A unidade da multiplicidade está na existência de um centro comum.
25. Jesus Cristo é simultaneamente o centro e o fim da história.
26. A ideia de fim traz consigo a alegria da esperança.
27. Quando há uma finalidade na vida é possível conferir a ela encantamento, uma intensidade existencial, e densidade ontológica.
28. Uma vida com sentido, é vida munida de graça, beleza, canto/vibração, cor, sabor e sacralidade.
29. A pergunta pelo sentido também pode ser a pergunta pela felicidade.
30. Sentido também é sinônimo de verdade.
31. A verdade verdadeira é capaz de preencher a vida verdadeiramente e dar-lhe sentido.
32. O sentido último da vida precisa estar fora do ser humano.

³⁰ Enquanto conhecimento e sabedoria.

33. O sentido último da vida possui caráter metafísico e metahistórico, perceptível pelo pensamento/sabedoria.
34. A falta de Sentido maiúsculo consiste no empobrecimento do olhar metafísico do homem.
35. Na fé cristã, o Sentido se fez carne, fazendo-se visível, sendo caminho, direção, fim/finalidade.
36. Ideais humanitários tem a capacidade de prover sentido e finalidade à vida enquanto amor ao próximo. Porém, não há plenitude da vida na ética, pois a vida é mais que social, consiste também em sua esfera espiritual, na qual o homem se abre ao infinito.
37. A ética laica de ateus e agnósticos honestos existe e merece crédito. Contudo, é insuficiente pois quando a vida é absurdo, não há sentido último, e não pode existir emancipação diante da morte.
38. Todo agir moral se fundamenta em um absoluto/bem.
39. O ser está antes do agir. Ou seja, o sentido está antes da ética.
40. Ao se falar de um bem absoluto na fundamentação da ética se fala de Deus, o qual é capaz de nutrir espiritualmente o agir ético do ser humano.

Esta análise permite verificar que o ser está antes do agir. Assim, se há problemas de conduta deve haver problemas na própria compreensão do ser. A seguir, estas teses centrais serão pensadas a luz do problema da ética cristã na política e na vida pública.

Recepção do pensamento de Clodovis Boff no debate acerca da ética na esfera pública

Da abordagem de Clodovis é possível compreender o seguinte caminho no que tange o debate do envolvimento do cristão na esfera pública:

Política → Ética → Sentido da vida → Jesus Cristo

Jesus Cristo é o fundamento último da existência, é aquele que dá sentido à vida e justamente por isso é aquele que move o ser humano eticamente em direção ao próximo, o que torna o homem um ser de comunhão. Esta comunhão, contudo, não está restrita ao

espaço da comunidade cristã, ela se estende ao todo da sociedade, por isso que o cristão é também um ser político. Assim, se percebe que uma existência apolítica é incoerente com a fé cristã, pois esta fé está baseada em Jesus Cristo, pessoa pública, crítico social, profeta, líder comunitário e Deus redentor. Assim, é o próprio Deus feito homem que é assumido como o referencial máster da ética cristã, a qual deve ocorrer à serviço da vida privada e pública. Contudo, há um abismo entre este referencial ético e a prática cristã. Jesus foi um líder judeu que se destacou pela luta contra a opressão e exploração religiosa e estatal contra os pobres. Cristo é a balança ética do pensamento cristão e toda a moral descende do pensar crítico da vida atual frente a figura social e teológica deste Jesus reconhecido como Cristo. No entanto, ao se analisar o distanciamento do cristão da política, realmente vale a pena perguntar se o cristão realmente compreendeu a mensagem proposta por Jesus em sua vida – palavras e ações. Parece que na ética do brasileiro a fundamentação está na autossatisfação e que seu pressuposto ético é o ser em si mesmo.

É neste sentido que a abordagem de Clodovis assume caráter exortativo e de grande relevância na atualidade. Pois, segundo ele, a fundamentação do sentido da vida está em Deus, ou seja, não está no ser humano. Mesmo Deus, sendo fim, não quis findar-se em si mesmo, fazendo-se o fim para o outro. Assim, se a fundamentação do sentido da vida está fora do ser humano, isto o obriga a olhar para fora de si em busca de sentido, e ao olhar para fora é capaz de relacionar-se com Deus e com o próximo.

Contudo, esta análise leva em consideração o fim último da vida. Porém, parece haver de forma geral um contentamento do ser humano com fins e sentidos penúltimos na existência. O *jeitinho brasileiro* enquanto busca do privilégio faz parte desta configuração egoísta e ensimesmada, que distancia o homem não somente do próximo mas do verdadeiro sentido da vida. Porém, se o sentido da vida é Deus, e este é também referencial ético do cristão, há esperança de que aqueles que se colocam diante desta fundamentação levem a sério sua responsabilidade diante do próximo. Por outro lado, a fundamentação da ética fora de Cristo configura um grave problema teológico de base. Problema este que Clodovis combate ao tratar questões tão fundamentais em sua elaboração teórica, não temendo declarar categoricamente que Deus é o fundamento supremo da vida.

Enfim, do desenvolvimento de Boff, recepciona-se principalmente a fundamentação do sentido da vida em Jesus Cristo; a ideia do sentido enquanto finalidade e fim, ou seja, é a finalidade da vida que dá razão a mesma, e esta é dada por Deus, que é destino e direção,

fim e caminho; a compreensão de que a vida humana não é preenchida apenas com aspectos éticos e sociais, mas que somente aberto a espiritualidade e a transcendência é que o homem pode encontrar Deus e ser completado; o entendimento de que ser humano plenamente é ser em Deus e que ser em Deus é ser para o próximo, e, justamente por isso, ser cristão implica em agir cristãmente na sociedade. Assim, Clodovis Boff auxilia no intento de lançar bases sólidas para a ética cristã na esfera pública – local teológico da ação cristã.

Considerações Finais

O problema da ética hoje requer um questionamento ainda mais profundo do que o debate moral. Falar do envolvimento cristão na esfera pública e detectar uma considerável carência neste aspecto, leva a reflexão acerca do porquê da mesma. Esta falta de vontade do cristão brasileiro e de seus demais conterrâneos em relação a vida pública reflete uma falta de sentido neste envolvimento. Tanto o sentido da política quanto o sentido da vida estão em crise. Nesta direção é possível falar num aspecto geral de crise de valores, crise de existência, crise política, crise ética, etc. A esfera pública é o local em que o rumo da sociedade é debatido e formulado, e escolher se abster desta discussão representa um descaso com a vida do próximo e com a própria vida. Retirar-se da vida política é negar-se a lutar em prol dos pobres, negando assim ao próprio exemplo de Jesus que não existiu humanamente apenas para si mesmo e para alguns poucos de quem gostava, mas se entregou a vida pública delatando as injustiças do estado e da religião, agindo ética e empaticamente em direção das outras pessoas, mesmo estrangeiros, doentes, pobres e mulheres – todos estes vitimados e excluídos em seu contexto histórico.

A contribuição de Clodovis Boff para o debate da ética pública é importantíssimo, pois trata de temas teológicos básicos que precisam ser pensados cada vez mais pela sociedade como um todo e principalmente pela comunidade cristã. Em última análise, o que Clodovis propõe é que o ser humano caminhe em direção ao fim último, pois este fim, sendo último, é o Fim maiúsculo capaz de dar relevância e sentido para a vida. Clodovis anima o ser humano a ser plenamente humano, o que só é possível abrindo-se ao transcendente, se colocando sob a fundamentação última da ética e da existência que é Jesus Cristo – o Sentido que se fez carne.